

REVISTA
DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V.13,n.1, fev/2026–DOI: 10.20873/vol13n2402

PALAVRAS INICIAIS

INITIAL WORDS

PALABRAS INICIALES

Thiago Barbosa Soares

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

PALAVRAS INICIAIS

A apresentação deste primeiro número do volume 13 da Revista Desafios da UFT encapsula, com notável fidelidade, o espírito interdisciplinar que define a publicação, congregando contribuições que ultrapassam as fronteiras disciplinares para enfrentar, com rigor e sensibilidade, os complexos desafios do nosso tempo. Na perspectiva de um doutor em Ciências Humanas e Sociais, esta edição se ergue como um testemunho eloquente da vitalidade acadêmica que pulsa, com força particular, na região Norte do Brasil, onde a Universidade Federal do Tocantins firma-se como um catalisador essencial de diálogos profundos entre ciência, sociedade e inovação.

Tal concepção dialoga diretamente com a tradição epistemológica que compreende a interdisciplinaridade não como mera justaposição de áreas, mas como um movimento crítico de superação dos compartimentos rígidos do saber. Conforme Morin (2005), os problemas fundamentais do mundo contemporâneo são irredutivelmente complexos e exigem abordagens que articulem ordem, desordem e organização em um mesmo gesto cognitivo. Nesse sentido, a Revista Desafios reafirma-se como espaço de convergência entre racionalidades científicas diversas, promovendo aquilo que Boaventura de Sousa Santos (2010) denomina uma “ecologia de saberes”, capaz de reconhecer tanto o rigor das ciências duras quanto a potência interpretativa das humanidades.

Desde sua origem, a revista estabeleceu a interdisciplinaridade como um horizonte epistêmico necessário, um antídoto contra os reducionismos que empobrecem a compreensão da realidade. Esta edição concretiza esse princípio ao reunir artigos que, fiéis a seus títulos promissores, articulam desde a experimentação empírica das ciências exatas e da natureza até as reflexões mais densas das humanidades. Num mundo marcado por crises sobrepostas, a ressaca pandêmica, as desigualdades ambientais agudas, as transições tecnológicas vertiginosas, esta tessitura intelectual demonstram que o conhecimento fragmentado encontra sua verdadeira robustez na hibridização. Os estudos sobre a atividade antimicrobiana de vouacapanos, a utilidade do carvão ativado de sacha-inchi na remoção de corantes, ou a avaliação reológica de óleos de abacate, por exemplo, não são meros exercícios técnicos. Eles sinalizam a emergência de uma bioeconomia sustentável, ancorada na riqueza amazônica mas com ressonâncias adaptadas a realidades como a do Distrito Federal, e carregam em si uma crítica implícita ao extrativismo predatório, ecoando, assim, debates fundamentais das humanidades sobre justiça e ética ambiental.

Este diálogo “silencioso” mas potente entre domínios do saber se estende ao campo da saúde, onde narrativas sobre estresse em práticas físicas e estratégias de *coping* entre estudantes de medicina durante o isolamento da COVID-19 tecem fios entre o corpóreo e o social. Questionam, no fundo, como intervenções de base natural podem mitigar patologias psíquicas geradas pelas tensões da modernidade tardia. Por sua vez, as Ciências Humanas e Sociais emergem com um vigor analítico que ilumina dimensões cruciais da formação coletiva. As narrativas das mães-universitárias na UFPA no período pós-pandemia evocam arquétipos de resiliência feminina em contextos de precariedade; a valorização das agricultoras idosas no Rio Grande do Sul, através da extensão rural, confronta invisibilizações geracionais e de gênero; e as análises sobre empreendedorismo no serviço público e inovação via Lei do Bem no Nordeste desvelam as tensões constitutivas entre Estado e mercado. Neste mesmo espectro, o exame do cronotopo huracanado em historietas porto-riquenhas inscreve os desastres naturais como vetores discursivos de resistência pós-colonial, criando um diálogo surpreendente e frutífero com investigações sobre vulnerabilidades clínicas muito concretas, como a sífilis gestacional no

Maranhão ou o transporte aeromédico de neonatos. É aqui que se sublinha, com profundidade argumentativa, como o discurso, seja ele literário, político ou do cotidiano, atua como força constitutiva da realidade, alinhando-se a uma tradição de análise crítica que permeia a produção intelectual da UFT.

Importa sublinhar que tais investigações não se desenvolvem em um vazio geográfico ou simbólico, mas se inscrevem em um território historicamente marcado por disputas de sentido, assimetrias socioeconômicas e desafios ambientais singulares. Produzir ciência a partir da Amazônia Legal e do Norte do Brasil implica assumir, como propõe Latour (2004), que todo conhecimento é situado, atravessado por redes de atores humanos e não humanos. A UFT, ao fomentar pesquisas que partem de problemáticas locais para alcançar relevância global, contribui para deslocar o eixo tradicional da produção científica, historicamente concentrado nos grandes centros do Sudeste e do Norte global, promovendo uma epistemologia do Sul, nos termos de Santos e Meneses (2009).

Eixo transversal e transformador, a Educação se apresenta como pilar que culmina em reflexões sobre letramento acadêmico-científico via inovação pedagógica, o desenvolvimento de competências socioemocionais na infância e estratégias para o retorno presencial no ensino de Química Ambiental. Estes textos pressupõem uma pedagogia integral, que recusa a fragmentação neoliberal ao integrar de forma indissociável a dimensão afetiva e a cognitiva. Quando associados a estudos sobre saúde cognitiva em idosos ou diferenças de gênero exacerbadas pela pandemia, eles revelam a educação como uma arena de otimização compensatória, onde estratégias seletivas buscam forjar sujeitos resilientes capazes de navegar em meio a desigualdades estruturais.

Sob essa perspectiva, a ciência aqui apresentada não se limita à descrição objetiva de fenômenos, mas assume um papel discursivo e político na configuração do social. Como assinala Foucault (2008), todo regime de verdade é inseparável das relações de poder que o sustentam. Ao tematizar gênero, envelhecimento, saúde pública, inovação e catástrofes naturais, os artigos desta edição constroem não apenas dados, mas narrativas que disputam sentidos sobre o que significa viver, adoecer, educar e resistir em sociedades marcadas por desigualdades persistentes. A revista, assim, posiciona-se como instância crítica de mediação entre produção científica e responsabilidade ética, reafirmando o compromisso público da universidade.

Nesse horizonte, a Revista Desafios reafirma-se como um espaço de inscrição simbólica de um projeto civilizatório fundado na indissociabilidade entre ciência, cultura e sociedade. Tal projeto converge com a concepção habermasiana de uma racionalidade comunicativa, segundo a qual o conhecimento só se legitima plenamente quando se submete ao debate público e à crítica intersubjetiva (Habermas, 2012). A pluralidade temática desta edição não representa dispersão, mas expressão de um mesmo compromisso: produzir saberes capazes de interpretar o presente e projetar futuros possíveis diante das incertezas do Antropoceno.

Longe de ser um mero compêndio de artigos, esta edição se configura, portanto, como uma provocação epistemológica viva. Ela convida o leitor e a comunidade de pesquisadores a entrelaçar, sem receio, os fios aparentemente distantes: os bioativos amazônicos com os cronotopos caribenhos, a saúde mental com as políticas de inovação nordestinas, a economia dos recursos naturais com as narrativas de maternidade e cuidado. Neste convite, reside um chamado mais amplo: o de que a UFT e o estado do Tocantins estão não apenas acompanhando, mas podem liderar a construção de uma ciência verdadeiramente engajada, capaz de ler as urgências do planeta a partir da riqueza e dos desafios específicos de seu território, produzindo um conhecimento que seja, simultaneamente, localmente relevante e universalmente significativo.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.